
Processos de serialização, narrativas de guerra e jornalismo literário: dos romances e filmes históricos aos livro-reportagens¹

Monica MARTINEZ²
Leila GAPY³
Bruna Emy CAMARGO⁴

Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP

Resumo

Este estudo relaciona o percurso do Jornalismo Literário a partir do Romance Histórico, como parte da Literatura, e das Narrativas de Guerra, como primeiros relatos jornalísticos, alcançando formas de publicações seriadas, folhetins, reportagens e livros-reportagem na contemporaneidade. O artigo parte da obra de literatura estadunidense escrita por Stephen Crane (1871-1900), o romance histórico “A Glória de um Covarde” (1894-1895). Ambientado na Guerra de Secessão (1861-1865), o livro inspirou o filme homônimo (HUSTON, 1951) cuja produção serviu de matéria-prima para os textos de Lillian Ross (1918-2017) publicados de forma serializada na revista *The New Yorker* em maio de 1952. No mesmo ano, foi lançado pela jornalista como o livro-reportagem “Filme”.

Palavras-chave

Jornalismo Literário; Narrativa de guerra; Reportagem seriada; Estudos de gênero; Lillian Ross.

Introdução

Este artigo reflete a interface entre duas pesquisas no campo dos estudos em Jornalismo Literário, uma em nível de mestrado (2019-2020), que investiga a associação das narrativas jornalística de guerra e do Jornalismo Literário – com enfoque na produção feminina –, e a outra de doutorado (2019-2023), que se debruça na

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (PPGCOM-Uniso) e líder do Grupo de Pesquisa em Narrativas Midiáticas (Nami/Uniso/CNPq), e-mail: monica.martinez@prof.uniso.br

³ Doutoranda no PPGCOM-Uniso. Bolsista Capes/Prosc e integrante dos Grupos de Pesquisas em Narrativas Midiáticas (Nami/Uniso/CNPq) e em Alteridade, Subjetividades, Estudos de Gênero e Performances nas Comunicações e Artes (AlterGen/USP/CNPq), email: leila.gapy@hotmail.com

⁴ Mestranda no PPGCOM-Uniso. Bolsista Capes/Prosc e integrante do Nami/Uniso/CNPq e do AlterGen/USP/CNPq, email: brunaemy@globo.com

associação de Reportagens Seriadas e produções contemporâneas que mesclam publicações impressas e digitais. Ambas pesquisas estão sendo desenvolvidos por meio do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (PPGCC-Uniso).

Esta investigação, no entanto, parte da seguinte corpora: 1) o romance histórico de guerra “*The red badge of courage*”, no Brasil traduzido para “A glória de um covarde” (1895). Escrito pelo estadunidense Stephen Crane (1871-1900), este livro ambientado na Guerra Civil Americana (1861-1865) é resultado da serialização no formato folhetim dos manuscritos publicados inicialmente no jornal *The Philadelphia Press* em dezembro de 1894; 2) O filme homônimo (1951) do cineasta John Huston (1906-1987), inspirado no clássico da literatura de Crane; 3) Finalmente, o livro-reportagem “*Picture*” (1952), de Lillian Ross (1918-2017) – lançado em 2000 no Brasil com o título de “Filme” –, que por sua vez é resultado de uma Reportagem Seriada em cinco edições publicadas na revista *The New Yorker* entre maio e junho de 1952.

O ponto de partida deste estudo foi o de verificar se havia reflexões sobre a relação entre as três peças na produção acadêmica brasileira na área da Comunicação. Na primeira etapa da pesquisa foi feito levantamento no portal Periódico Capes – principal endereço de indexação de estudos científicos brasileiros – e no Google Acadêmico – maior endereço mundial de textos (GAPY, 2017). A busca foi feita por pesquisas em língua portuguesa que associassem as palavras-chave “Stephen Crane”, “A glória de um covarde”, “Lillian Ross”, “Filme” e “John Huston”. A coleta foi realizada no dia 5 de dezembro de 2019.

No portal Capes foram localizados vários textos, todos em inglês (devido à impossibilidade de limitar a pesquisa em estudos em português). Após leitura flutuante de títulos e palavras-chave, verificou-se que a maioria fazia referência à obra de Crane como exemplo maior da literatura histórica estadunidense ou referia-se à produção de Ross ao longo de sete décadas na revista *The New Yorker*. Já no Google Acadêmico, com auxílio de aspas nas palavras-chave para otimizar as buscas com exatidão, solicitando a localização de estudos em português, houve ampliação de descobertas, conforme tabelas abaixo.

Tabela 1 – Achados no portal Capes e Google Acadêmico

Nº	Palavras-chave	Periódicos Capes	Google Acadêmico
1	Stephen Crane; A glória de um covarde	0	15
2	Stephen Crane	249	163
3	A glória de um covarde	0	28
4	Lillian Ross	5	63
5	Lillian Ross; Filme	0	44
6	Lillian Ross; <i>Picture</i>	1	7
7	Lillian Ross; Stephen Crane	0	8
8	Lillian Ross; John Huston	6	8
9	Stephen Crane; John Huston	0	11

Fonte: Elaboração própria.

Apesar de terem sido localizados vários estudos em inglês produzidos pela comunidade estadunidense – como o texto da revista popular *Cineaste* (MALONE, 2019) e o estudo sobre o mercado da comunicação feito pelo professor Johanningsmeier (2008), neste trabalho optamos por refletir sobre as pesquisas brasileiras. Dessa forma, no Google Acadêmico, a diversidade de material localizado ficou evidente, a contar pela localização do próprio livro de Crane ou das traduções de suas produções (FERREIRA, 2004).

Nesta investigação exploratória também foi possível localizar duas monografias da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (DIAS, 2017; KAISER, 2011) e dois artigos da mesma edição do periódico catarinense *Estudos em Jornalismo e Mídia* (MARTINEZ, 2009; NECCHI, 2009). Tanto Martinez quanto Necchi citam apenas uma vez Lillian Ross no contexto do Novo Jornalismo estadunidense da década de 1960. Já ambas as monografias citam Ross em suas referências – uma inclusive apoiando-se no artigo citado de Martinez (2009) –, sem avançar no estado da arte.

Foram localizados outros três artigos científicos brasileiros. Contudo, nenhum com o enfoque aqui proposto, mas que citavam as obras de Ross e Crane em associação ao Jornalismo Literário (BEZERRA, 2010; BURNS, 2008; PASSOS; ORLANDINI,

2008). Estes últimos, no entanto, nos auxiliaram com alguns dados históricos e referências de relevância.

Relacionar as palavras-chave já citadas anteriormente às demais “narrativa de guerra”, “reportagem seriada” e “*the new yorker*” na investigação nestes dois mecanismos de busca não surtiu resultados, o que nos aponta a contribuição desta nossa proposta de trabalho. Assim, esta pesquisa discorrerá sobre Narrativas de Guerra, Jornalismo Literário, Romance Histórico e Reportagens Seriadas para propor uma relação entre os conceitos e o romance histórico “A glória de um covarde” (CRANE, 2000), o filme homônimo (HUSTON, 1951) e o livro-reportagem “Filme” (ROSS, 2005).

Da serialização e romances históricos ao jornalismo serializado

Se fizermos a arqueologia da fragmentação da escrita, da divisão por assunto ou edição, o debate partirá nos primórdios da comunicação humana, o que nos remonta às primeiras organizações cerebrais de pensamentos e alcançaremos a criação da pontuação na escrita e a subsequente estruturação, que já eram passos das fragmentações textuais. Mas ao nos debruçarmos à concepção do Romance Histórico, localizaremos na era vitoriana, por exemplo, Emily Brontë, que publicou em três partes/edições, em 1847, seu famoso romance histórico “O Morro dos Ventos Uivantes”.

Nesta mesma ideia, o francês Victor Hugo publicou, em 1863, em cinco peças distintas, “Os Miseráveis”, que narravam a miséria humana (real) em torno da Revolução Francesa (1789-1799). Não por acaso, o termo folhetim foi concebido um pouco antes do romance fragmentado, na França, mais precisamente em 1830, como um gênero narrativo estabelecido pelo jornalista francês Émile de Girardin (1802-1881); que observou as vantagens do comércio no desenvolvimento de folhetins, como o conhecemos, tornando-se assim precursor do gênero (PAIVA, 2018).

No entanto, o primeiro folhetim publicado em português é de 1844, composto de 90 partes e publicado originalmente em 1943 (MEYER, 1996, p. 283). O importante é destacar que a partir do momento em que o gênero foi estabelecido, ganhou papel de protagonista na história da literatura, tanto do lado dos escritores quanto do lado mercadológico dos jornais, pois se em uma parte estavam as novas possibilidades de

corde e suspense, além de redundâncias estratégicas para reativar a lembrança do leitor quanto ao texto anterior, na outra o consumidor poderia participar e se autoidentificar, substituindo a imaginação pela vida particular (BAKHTIN, 1998, p. 421; MEYER, 1996, p. 59).

Segundo Souza Júnior (2011), os primeiros romances brasileiros nasceram na sequência do desenvolvimento dos folhetins e, por consequência, gestaram os primeiros grandes romancistas tupiniquins, então voltamos a José de Alencar (1829-1877) e também alcançamos Machado de Assis (1839-1908). Desde então a literatura, de forma geral, evoluiu e o desenvolvimento dos capítulos dos romances acompanharam a transformação social, afinando a estruturação e amarração entre as peças de forma que, atualmente, dão ao leitor a sensação de que ele precisa prosseguir a leitura, exatamente como preconizava a concepção dos folhetins – ou as novelas escritas, como também eram chamados.

Essa noção de estruturação também pode ser encontrada na construção de histórias de vida em jornalismo por meio da proposta de monomito do mitólogo estadunidense Joseph Campbell (1997), que chegou aos 17 passos depois de estudar mitos e religiões de todo o mundo, com destaque para o aspecto simbólico relacionado à vida humana. Essa base mítica serviu para que Christopher Vogler escrevesse “A Jornada do Escritor – Estrutura Mítica para Escritores” (2015) adaptado e usado no cinema principalmente a partir dos anos 1980. Como exemplos, temos os filmes de George Lucas e Steven Spielberg (LIMA, 2004).

Figura 1 – A jornada do herói segundo Vogler.



Disponível em: <http://maresliterarias.blogspot.com/2016/02/a-jornada-do-escritor-contadores-de.html>

Observe que o proposto por Vogler é uma forma organizada de entreter o leitor e fazê-lo seguir acompanhando a narrativa até o final da história. O item 1 (um), o Mundo Comum, é o lugar comum do personagem, quase sempre descrito para criar empatia com o leitor de vida comum. Já o item 6 (seis), a Aproximação da Caverna Oculta, é o clímax da história, o suspense que o leva para o item 7 (sete), Provação Suprema, deixado para o meio do texto, propositalmente conduzindo o leitor até lá; enquanto somente no final, do item 8 (oito) em diante, o personagem alcança o objetivo.

Porém, se entendermos que a base da narrativa, seja ela literária ou cinematográfica, tem base na narrativa mítica, podemos sugerir que uma base possível da estruturação narrativa, incluindo a de reportagens seriadas, poderia estar nos estudos de Joseph Campbell, conforme mencionado, e depois em Christopher Vogler. O jornalismo, no entanto, conta desde 2008 com uma adaptação coerente da Jornada do Herói aplicada à construção de histórias de vida realizada por Martinez (2008). De acordo com ela (2008, p. 64), as etapas desta forma de estruturação seria:

- 1) Cotidiano;**
- 2) Chamado à aventura;**
- 3) Recusa;**
- 4) Travessia do primeiro limiar;**
- 5) Testes, aliados, inimigos;**
- 6) Caverna Profunda;**
- 7) Provação Suprema;**
- 8) Encontro com a Deusa;**
- 9) Recompensa;**
- 10) Caminho de Volta;**
- 11) Ressurreição;**
- 12) Retorno com elixir.**

Assim, a ideia da serialização nasce com folhetins, depois romances e posteriormente foi empregada nas produções radiofônicas, cinematográficas e televisivas, respectivamente, como as famosas telenovelas brasileiras, alcançando na

contemporaneidade o *streaming* – que a cada ano investe mais em séries televisivas de ficção e realidade (PAIVA, 2018). No entanto, no campo dos estudos em Jornalismo Literário brasileiro, a primeira serialização de notícias foi desenvolvida com a cobertura jornalística da Guerra de Canudos (1896-1897), feita pelo engenheiro, escritor e jornalista carioca Euclides da Cunha (1866-1909), para o jornal *O Estado de S. Paulo* em 1897.

Porém, trata-se na realidade de uma coleção de suítes, visto que o envio de material ocorreu durante o conflito. Alcançamos então uma questão terminológica a respeito da palavra série de reportagens, que apesar do “Manual de Redação da *Folha de S. Paulo*” (2018, p. 40) a definir como “uma sequência periódica de reportagens veiculadas em jornais escritos ou televisivos que trata de um assunto em particular durante determinado intervalo de tempo, podendo ser diário, semanal ou mensal”, na prática não se aplica. Pois é tida como sinônimo de coleção (de matérias, no caso), o que também define a Grande Reportagem, sua irmã, que nasce:

[...] da inquietude do jornalista que tem algo a dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo no seu âmbito regular de trabalho, na imprensa cotidiana. Ou é fruto de outra inquietude: a de procurar realizar um trabalho que lhe permita utilizar todo o seu potencial de construtor de narrativas da realidade (MEDINA apud LIMA, 2009, p. 33).

Dessa forma, optamos então, no decorrer desta pesquisa, por usar e associar a definição acima descrita com o termo Reportagem Seriada (RS), por acreditarmos que se afina melhor com o propósito deste estudo (PAIVA, 2018). Neste caminho, a fragmentação da notícia se mostra uma crescente tendência mundial nas últimas décadas, principalmente como forma de valorização do marketing jornalístico (PAIVA, 2016) – exatamente como nos primórdios dos folhetins -, e que por sua vez deram vida ao livro-reportagem.

Pouco antes das reportagens seriadas, mas dentro do mesmo século, o XIX, o filósofo húngaro György Lukács descreve o início do gênero romance histórico com a obra “*Waverly*” (1814), do escritor escocês Walter Scott (1771-1832). Nos séculos anteriores, os mitos antigos e as adaptações de histórias foram precursoras, mas lhes faltava um elemento que coube à produção scottiana estreitar: “o fato de a particularidade dos homens ativos derivar da especificidade histórica de seu tempo” (LUKÁCS, 2011, p. 33).

Para o autor (2011), o romance histórico ganhou forma após o cenário revolucionário na Europa do fim do século XVIII – Revolução Francesa, movimentos nacionalistas e ascensão do capitalismo e da burguesia, por exemplo –, deixando o caráter histórico do período mais evidente do que quando ocorrem casos isolados de mudanças. Assim, as características do novo gênero literário ficaram claras:

[...] não se trata do relatar contínuo dos grandes acontecimento históricos, mas do despertar ficcional dos homens que os protagonizaram. Trata-se de figurar de modo vivo as motivações sociais e humanas a partir das quais os homens pensaram, sentiram e agiram de maneira precisa, retratando como isso ocorreu na realidade histórica (LUKÁCS, 2011, p. 60).

O historiador francês Jacques Le Goff (1990, p. 397) completa ao afirmar que o romance histórico “é aquele que através do passado sabe exprimir os problemas e os sentimentos do presente e assumir uma posição progressista. Há consenso sobre a existência de heróis medianos nessas narrativas, personagens que enfrentam dificuldades nas sociedades dinâmicas do período retratado (LE GOFF, 1990; LUKÁCS, 2011). Afinal, “o romance não comporta heróis, no sentido clássico, mas seres humanos” (WEINHARDT, 1994, p. 50).

Na América Latina, o primeiro registro do romance histórico é da obra anônima “Xicoténcal” (1826); já no Brasil, há obras como “A moreninha” (1844), de Joaquim Manoel de Macedo, “Iracema” (1865), de José de Alencar, e, mais recente, “O Continente” (1949), de Érico Veríssimo (DUARTE, 2018).

“A Glória de um Covarde” como narrativa de guerra em livro e filme

As narrativas de guerra são tão antigas quanto os conflitos em si, passando pelos desenhos em cavernas e pelas odisséias gregas até chegar às produções audiovisuais contemporâneas. Segundo Bak (2016, p. ix; tradução nossa), isso acontece porque “a única coisa que o ser humano parece valorizar mais que a retirada de uma vida é registrar essa morte em tinta”⁵. Especificamente sobre narrativas jornalísticas de guerra, Cunha (2013, p. 1) afirma ser “um conjunto de práticas sociais inseridas em contextos históricos específicos, que usam a escrita, tanto como sistema simbólico quanto como tecnologia, para obter fins específicos em contextos determinados”.

⁵ Do original: “The only thing humankind seems to value more than taking of life is the recording of that death in ink”.

Exemplos de narrativa jornalística de guerra são “Hiroshima”, de John Hersey (2002), que ocupou a edição inteira (150 páginas) de 31 de agosto de 1946 da revista *The New Yorker*, que reconstituiu o dia da explosão da bomba atômica na cidade japonesa a partir dos depoimentos de seis sobreviventes. Mais recentemente, em 1985, a jornalista bielorrussa Svetlana Aleksievitch lançou *War's Unwomanly Face*, obra sobre as combatentes russas que lutaram na Segunda Guerra Mundial baseada na versão publicada em fevereiro de 1984 na revista literária soviética *Oktvabr* (lançada no Brasil em 2016 como “A guerra não tem rosto de mulher”). Svetlana foi a primeira jornalista mulher a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura em 2015.

No caso brasileiro, o exemplo mais conhecido é o engenheiro Euclides da Cunha (1866-1909), que depois de ter sido enviado pelo jornal *A Província de S. Paulo* (hoje *Estado de S. Paulo*) para cobrir o conflito de Canudos publicou “Os Sertões” (2016). No entanto, destacamos neste trabalho Alfredo Maria Adriano d’Escragnolle-Taunay, mais conhecido como Visconde de Taunay, que publicou “A Retirada da Laguna” (1997), no século XIX, sobre sua experiência militar na Guerra do Paraguai. Taunay não foi enviado por um veículo de comunicação e não emitiu despachos simultaneamente à ação; como ele estava imerso na guerra e contou os acontecimentos, sua produção pode até ser considerada, além de narrativa, jornalismo de guerra (CORREA, 2012).

Aleksievitch, Hersey e Taunay produziram narrativas de guerra com notável qualidade literária. Bak (2016b, p. 25; tradução nossa) acredita que a “reportagem narrativa, particularmente em tempos traumáticos, é frequentemente privilegiada em relação às reportagens duras devido à sua habilidade de ajudar a curar o escritor e acalmar o leitor”⁶. Isso se deve ao fato que, na segunda metade do século XX, no contexto do Novo Jornalismo estadunidense, os profissionais transitavam entre a produção para a imprensa e para a literatura.

Além da ligação com guerras e conflitos, o Jornalismo Literário tem estreita relação com os processos de serialização, sendo, portanto, importante compreender as relações deste campo de estudo com o romance histórico. Podemos então refletir sobre o livro “A glória de um covarde” (2000), do original “*The Red Badge of Courage*” (1895), de Stephen Crane (1871-1900), sobre a Guerra Civil Americana (1861-1865). Antes de se tornar livro foi publicado no formato serializado, chamado novela de guerra, em

⁶ Do original: “Narrative news reporting, particularly at traumatic times, is often privileged over hard news reporting due to its ability to help heal the writer and soothe the reader”.

diversos jornais estadunidenses (JOHANNINGSMEIER, 2008), como no *The Philadelphia Press*, em dezembro de 1894.

E tanto a jornada de Crane com a obra, quanto a jornada da própria obra se assemelham com a jornada de Henry Fleming, o herói do romance histórico. Aos 22 anos, Crane já era escritor *freelancer* de vários jornais impressos novaiorquinos. E como tantos estadunidenses do final do século XIX, consumia informação e literatura associada em muito à Guerra Civil Americana, a exemplo do que já dos explicou Bak (2016) – possivelmente o conflito mais explorado pela literatura e cinema estadunidense (GOMES, 2000).

Em 1893, encantado com a produção da Century Magazine, encontrou a inspiração para o romance ao observar a rigidez com que os relatos da guerra eram reproduzidos. "*I wonder that some of those fellows don't tell how they felt in those scraps*" (Eu me pergunto porque alguns desses caras não contam como se sentiram, tradução nossa), (JOHANNINGSMEIER, 2008, p. 23). Talvez por isso Crane tenha descrito Fleming como um soldado observador e crítico, não só com o conflito político como consigo mesmo.

O primeiro manuscrito da obra contava com 55 mil caracteres, o qual submeteu à avaliação de vários editores de jornais, ficando engavetado no primeiro semestre inteiro de 1894 pela McClure Magazine. Irritado, Crane levou o a Irving Bacheller, que o reduziu em 18 mil caracteres e publicou no Philadelphia serializado. Na sequência, mais de 750 veículos impressos (200 diários e 550 semanais) de todos os EUA publicaram o texto expandindo a fama de Crane por todo país. De acordo com Johanningsmeier (2008), uma versão ainda mais curta, de 5 mil caracteres, foi publicada no formato de livro, pela primeira vez, em 1895, pela Appleton & Company.

Mas somente em 1982 o original sem edição foi publicado pela Norton & Company. Uma obra que nunca deixou de ser publicada nos EUA desde a primeira versão (GOMES, 2000). No livro, o protagonista, Henry Fleming, um jovem temeroso que se inscreve para servir o país na Guerra Civil, permeia uma jornada calçada pelas etapas de um herói. Ele encaixa-se na descrição do herói de um romance histórico, conforme a obra scottiana começou no século XIX:

Em geral, este sempre possui certa inteligência prática, porém não excepcional, certa firmeza moral e honestidade que beiram o sacrifício, mas jamais alcançam o nível de uma paixão humana arrebatadora, de uma devoção entusiasmada a uma causa grandiosa (LUKÁCS, 2011, p. 49).

Porém, se observamos aqui o roteiro proposto pelo autor para a construção da história, cada item, similar à proposta literária e também jornalística da jornada do herói (CAMPBELL, 1997; MARTINEZ; 2008), amarra o enredo com clímax no meio do texto e leva o leitor até a última linha, quando o personagem alcança o objetivo do Retorno do Elixir. Como recorte, a Ressurreição do soldado após romper o medo, abraçar a bandeira e seguir ao front, com reconhecimento do capitão:

Ele parou porque vários homens vieram correndo. Seus rostos expressavam boas notícias.

- "Ó Flem, você deveria ter ouvido!" gritou um, ansiosamente.

- "Ouvir o quê?" disse o jovem.

- "Sim, você deveria ter ouvido!" repetiu o outro, e ele se preparou para contar suas novidades. Os outros formaram um círculo animado.

- "Bem, senhor, o coronel encontrou seu tenente bem perto de nós - foi a coisa mais incrível que eu já ouvi - e ele disse: 'Aham! ahem!', ele disse. 'Sr. Hasbrouck, por falar nisso, quem era aquele rapaz que carregava a bandeira?' Pronto, Flemin, o que você acha disso? 'Quem era o rapaz que carregava a bandeira?', ele perguntou, então o tenente disse: 'Aquele é Flemin', e 'ele é um caipira', falou imediatamente. O que? Eu digo que sim. 'Um caipira' - essas são as palavras dele. Se você conta essa história melhor do que eu, vá em frente e conte-a. Bem, então, mantenha sua boca fechada [...]. 'Aqueles dois bebês?' 'Bem, bem,' é o coronel, 'eles merecem' ser major-generais', ele disse. 'Ele manteve a bandeira bem na frente. Eu o vi. Ele é um bom sujeito', falou o coronel. [...] O jovem e seu amigo disseram:

- "Huh!"

- "Você está mentindo, Thompson."

Mas, apesar dessas zombarias e constrangimentos juvenis, eles sabiam que seus rostos estavam profundamente corados de arrepios de prazer. Eles trocaram um olhar secreto de deleite e congratulações. Eles rapidamente se esqueceram de muitas coisas. O passado não guardava equívocos e decepções. Eles estavam muito felizes e seus corações se encheram de afetuosa gratidão pelo coronel e pelo jovem tenente (CRANE, 2000, p. 163-164).

O enredo é praticamente seguido à risca no filme de Huston (1951), igualmente com diálogos precisos. No entanto, quando diálogo entre os soldados é encerrado, os amigos apenas cruzam olhares com cumplicidade, como descrito no trecho acima. Já no filme, Huston inclui entre os olhares, um diálogo entre os dois amigos, que já transformados pela jornada, confidenciam medos e resiliências.

Figura 2 – Cena do filme A Glória de um Covarde (1h02min)



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iQkOEvuoyoM>. Acesso em: 10 out. 2020.

Na cena, de 2 minutos, Henry diz a Tom que tem de confessar algo importante:

- “Aquele coronel é bom e inteligente, Henry”, diz Tom.
- “Tom, só tem uma coisa que tenho que confessar”, fala Henry.
- “O que é?”, pergunta Tom.
- “Bom, ontem quando as coisas começaram a esquentar, eu fiquei com medo”, assume.
- “Todos ficaram”, afirma Tom.
- “É, mas eu sumi”, assume Henry.
- “Você está dizendo que fugiu, Henry?”, pergunta Tom.
- “Eu não fui longe, eu tive medo por pouco tempo. Ora, você entende. Foi por pouco tempo. Eu fiquei com tanta vergonha que não consegui voltar logo para a batalha. Então, em vez de procura-los, eu fiquei do lado esquerdo do bosque e comecei a lutar. Bom, eu contei toda a verdade”, confessa ele.
- “Eu fico contente Henry, porque isso fez eu me sentir melhor. Porque eu também fiquei com medo, como quase todos os rapazes ficaram. O capitão me pegou e me fez ficar. E eu confesso que fiquei com mais medo dele do que dos rebeldes”, diz o amigo.

- “Eu acho que confessar é a melhor coisa, Tom. Quero dizer, é melhor para a consciência”, avalia Henry sorrindo.

Apesar da construção textual ser diferente da cinematográfica, esta última com inserção de um pequeno diálogo, é possível verificar que o propósito é similar, é explicativo quanto à mudança de sentimentos dos dois jovens rapazes, que até o momento de tomar para si a bandeira e seguir ao front estavam com medo, no diálogo dos amigos avaliavam a situação, e no reconhecimento dos superiores se encheram de orgulho e cumplicidade. No entanto, na versão cinematográfica, a inclusão da verbalização do medo de Henry ao amigo Tom, possivelmente tem a função de pontuar a transformação do personagem, o que no texto do livro é percebido aos poucos, com delicadeza, nos capítulos finais (GOMES, 2000).

O processo de serialização no Jornalismo Literário de Lillian Ross

Lillian Ross (1918-2017) foi uma jornalista estadunidense que fez carreira na revista *The New Yorker* de 1945 até sua aposentadoria, seis décadas depois. Conforme descreve Suzuki Jr. (2011), Ross não usava gravador nas entrevistas, tendo grande capacidade de memorização de diálogos; achava a reportagem mais efetiva quando o autor não se expunha e adotava o estilo “mosca na parede”, ou seja, invisível no ambiente de observação; e ficava muito amiga das pessoas que entrevistava.

Por “Filme: um retrato de Hollywood” (1952), Ross é considerada “um ponto referencial da utilização de recursos típicos da literatura de ficção pelo exercício do jornalismo” (SUZUKI JR., 2005, p. 9) – servindo de inspiração para Truman Capote, autor de “A sangue frio” (“*In cold blood*”, 1966) e um dos nomes mais conhecidos do Novo Jornalismo norte-americano da década de 1960.

A jornalista foi convidada pelo diretor John Huston – seu amigo após entrevista para a *The New Yorker* – para acompanhar as filmagens de “A glória de um covarde” (HUSTON, 1951), por aproximadamente um ano e meio. Em meados de 1950, Ross já sabia o que aquela reportagem poderia ser, conforme informou seu então editor William Shawn: “Não sei se esse tipo de coisa já foi realizado antes, mas não vejo por que eu não deveria tentar uma história factual em forma de romance, ou talvez um romance factual” (SUZUKI JR., 2005, p. 10).

Dois anos depois, entre maio e junho, a revista *The New Yorker* publicou uma série de cinco reportagens na sessão “*Onward and upward with the arts*”, assinadas por Lillian Ross. Todas começavam com o título “Nº 1512”, referente ao número de produção do filme nos estúdios da Metro Goldwyn-Mayer, mais um subtítulo numerado. São eles⁷: “I-Throw the little old lady down the stairs” (ROSS, 1952a); “II-Everything has just gone zoom” (ROSS, 1952b); “III-Piccolos under your name, strings under mine” (ROSS, 1952c); “IV-What’s wrong with mocha’s opinion” (ROSS, 1952d); e “V-Looks like we’re still in business” (ROSS, 1952e).

Cada reportagem da série corresponde a um capítulo do livro “*Picture*” que foi publicado no Estados Unidos alguns meses depois. Para esta pesquisa, trabalhamos com a versão publicada no Brasil (ROSS, 2005). Nele, Ross conta o fazer o filme, mas ambienta o leitor com sínteses como “Era apenas a história de um jovem que foge da sua primeira batalha na Guerra Civil e depois retorna ao front e se distingue em vários atos heróicos” (p. 39).

No entanto, na obra, podemos afirmar que a jornada é do filme, como o título do livro sugere – personagem central. É por meio dele que Ross entrelaça vários personagens conectados pela indústria cinematográfica. Neste percurso, talvez “Filme” não se enquadre exatamente na jornada do herói proposta por Campbell, Vogler ou Martinez, conforme o texto de Crane ou o roteiro de Huston. Mas compreenda exatamente dos dez pilares que conceituam o Jornalismo Literário, conforme Lima (2009).

A polifonia de personagens que toram a obra criativa e humana, dois dos pilares. Porém, a exatidão de diálogos e cenas, assim como a imersão perceptível da autora, que acompanhou a proposta desde a concepção da ideia à divulgação e recepção, fazem da obra um exemplo de JL contemporâneo que precede, por exemplo, Truman Capote. No livro, o filme de Huston também parte do lugar comum e permeia altos e baixos da indústria hollywoodiana, como Martinez (2008) chama de Testes, Aliados e Inimigos.

A grande provação – que poderíamos até chamar de Caverna Profunda, talvez tenha sido retratado por Ross no capítulo 4, intitulado “O que há de errado com a opinião de Mocha?”, onde ela narra a partir da pré-estreia a recepção e as críticas que a produção recebeu, com bilheteria abaixo do esperado. No entanto, a conclusão do livro,

⁷ Na versão brasileira do livro (ROSS, 2005), os títulos foram traduzidos para: “Joguem a velhinha escada abaixo!”; “Tudo simplesmente decolou”; “Flautins para o seu nome, cordas para o meu”; “O que há de errado com a opinião de Mocha?”; e “Parece que ainda estamos no negócio”.

já último capítulo, retrata com detalhes a repercussão não tão surpreendente, o que mostra o compromisso da repórter com os fatos. Numa conversa de Nicholas M. Schenck, da Metro-Goldwyn-Mayer, com Howard Dietz, publicitário, ela narra: “‘A glória de um coverda não tinha estrelas nem história’, disse Dietz. ‘Não era bom’. ‘Eles fizeram o melhor que podiam’, disse Schenck” (ROSS, 2005, p. 299).

Considerações finais

Ao propor um estudo sobre Jornalismo Literário a partir das Narrativas de Guerra e Romance Histórico, passando pela serialização da literatura e do jornalismo, com recorte na relação da obra de Crane (1895), do filme de Huston (1951) e do livro de Ross (1952), produções que envolvem literatura, história, jornalismo e serialização, alcançou-se um terreno fértil para inúmeras pesquisas possíveis.

A contar da inexistência de estudos de associação das obras e contexto em língua Portuguesa, conforme o Estado da Arte, percebeu-se também o ponto de partida das possibilidades. Debruçar-se em localizar passos da jornada do herói, que compõem o pilar humanidade do Jornalismo Literário consolidou-se num desafio maior que o previsto.

Mas o resgate histórico do percurso do Jornalismo Literário a partir das Narrativas de Guerra e consolidação do Romance Histórico possibilitou aprofundamento no entendimento das origens que conceituam o gênero e agora a disciplina (BAK, 2018). Esse resgate histórico da serialização a partir da pontuação e abarcando a concepção de folhetins, romances, narrativas, novelas, reportagens e séries televisivas ampliou a compreensão do fazer jornalismo conforme propõe Lima (2009).

O resultado deste estudo que tem como pontapé inicial e estrutura a centenária obra de Stephen Crane aponta para possibilidades do fazer Jornalismo Literário na contemporaneidade. Ao buscar narrar a famosa Guerra Civil a partir da história de um jovem soldado medroso, Crane propôs humanizar os dados. Não à toa foi comparado a Tolstoi (GOMES, 2000). Ao serializar o texto, a princípio por logística, o autor propôs apego e empatia dos leitores (MEYER, 1995).

Ross, por sua vez, sabia que tanto a guerra quanto o texto de Crane já faziam parte da história estadunidense. Então, ao inovar contando o percurso de um filme, lançou mão da Criatividade, Simbolismo e Voz Autoral, propondo um estilo inovador

que inspirou outras contribuições contemporâneas. A fragmentação financiada pela *The New Yorker*, copiada *ipsis litteris* em “Filme” (1952), evidencia o esmero com que o texto foi feito e propõe o mesmo que Crane, uma nova leitura, um novo olhar sobre aquilo que é comum, rotineiro – premissa do Jornalismo.

Referências bibliográficas

- ALEKSIÉVITCH, S. **A guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- BAK, J. S. Introduction to the ReportAGES Series. In: GRIFFITHS, A.; PRIETO, S.; ZEHLE, S. (Eds.). **Literary Journalism and World War I**. 1. ed. Nancy: PUN/Éditions Universitaires de Lorraine, 2016a.
- BAK, J. S. “The paper cannot live by poems alone”: World War I Trench Journals as (Proto-) Literary Journalism. In: GRIFFITHS, A.; PRIETO, S.; ZEHLE, S. (Eds.). **Literary Journalism and World War I**. 1. ed. Nancy: PUN/Éditions Universitaires de Lorraine, 2016b.
- BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- BEZERRA, J. O mundo lá fora: o cinema direto e o novo jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 7, n. 2, p. 424–436, 2010.
- BURNS, T. Stephen Crane and the novel of the great war. **Moara**, n. 29, p. 185–203, 2008.
- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. 10. ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.
- CORREA, V. DE A. **Os diários de Taunay e Euclides da Cunha: Um estudo sobre o início da correspondência de guerra no Brasil**. [s.l.] Universidade de Brasília, 2012.
- CRANE, S. **A glória de um covarde: um episódio da Guerra Civil Americana**. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.
- CUNHA, E. DA. **Os sertões**. Edição esp ed. São Paulo: Martin Claret, 2016.
- CUNHA, M. J. C. Diário com sangue: ação e reflexão em narrativas jornalísticas de guerra. In: LABORDE, E. P.; ORTIZ ALVAREZ, M. L. (Eds.). **Dimensão temporal e espacial na linguagem e na cultura latino-americana**. Campinas: Pontes, 2013. p. 399–413.
- DIAS, D. G. F. **Perfis jornalísticos e a personalização da política: Geraldo Alckmin e Sérgio Cabral na revista piauí**. [s.l.] Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2017.
- DUARTE, M. DE A. O Romance Histórico e Seus Desdobramentos na América Latina. **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 4, n. especial, p. 1–13, 2018.
- FERREIRA, F. R. R. **The red badge of courage: uma análise descritiva de suas traduções no Brasil**. [s.l.] Universidade Estado “Júlio de Mesquita Filho”, 2004.
- FOLHA DE S.PAULO. **Manual da Redação: as normas de escrita e conduta do principal jornal do país**. 1. ed. São Paulo: Publifolha, 2018.
- GAPY, L. **O Jornalismo Literário em Reportagens Seriadas: o Google Acadêmico como mecanismo de busca**. 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...**São Paulo: ECA-USP, 2017Disponível em:
<<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2017/paper/viewFile/646/550>>
- GOMES, Heloisa Toller. Introduction. In: COVICI JR, Pascal (Org). **The Red Badge od Courage and Other Stories**. Penguin Classis, 1991, p. 21.
- HERSEY, J. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- HUSTON, J. **A glória de um covarde** Estados Unidos da AméricaMGM, , 1951.
- JOHANNINGSMEIER, C. The 1894 Syndicated Newspaper Appearances of “The Red Badge of Courage”. **American Literary Realism**, v. 40, n. 3, p. 226–247, 2008.
- KAISER, M. L. **“Geração Ritalina”: o boom nas vendas do remédio tarja preta pelos olhos do Jornalismo Literário**. [s.l.] Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2011.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- LIMA, E. P. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da**

- literatura**. 5. ed. Barueri: Manole, 2009.
- LIMA, E. P. **A Jornada do Herói e o Cristo Interno**. São Paulo e Itu: TextoVivo - Narrativas da Vida Real, 2004.
- LUKÁCS, G. **O romance histórico**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MALONE, T. Lillian Ross's Picture: A Chronicle of MGM's Mutilation of John Huston's The Red Badge of Courage. **Cineaste**, 2019.
- MARTINEZ, M. Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 6, n. 1, p. 71–82, 2009.
- MEYER, M. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- NECCHI, V. A (im)pertinência da denominação “jornalismo literário”. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 6, n. 1, 3 jul. 2009.
- PAIVA, L. P. G. **Ponto e Vínculo: Jornalismo Literário e Reportagens Seriadas**. [s.l.] Universidade de Sorocaba, 2018.
- PASSOS, M. Y.; ORLANDINI, R. A. Um modelo dissonante: caracterização e gêneros do jornalismo literário. **Contracampo**, n. 18, p. 75–96, 2008.
- ROSS, L. No. 1512: I-Throw the little old lady down the stairs. **The New Yorker**, p. 32–87, maio 1952a.
- ROSS, L. No. 1512: II-Everything has just gone zoom. **The New Yorker**, p. 29–71, maio 1952b.
- ROSS, L. No. 1512: III-Piccolos under your name, strings under mine. **The New Yorker**, p. 32–79, jun. 1952c.
- ROSS, L. No. 1512: IV-What's wrong with mocha's opinion? **The New Yorker**, p. 39–65, jun. 1952d.
- ROSS, L. No. 1512: V-Looks like we're still in business. **The New Yorker**, p. 31–83, jun. 1952e.
- ROSS, L. **Filme: um retrato de Hollywood**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SOUZA JÚNIOR, L. R. DE. **A influência inconfessável: como o folhetim formou o romance brasileiro**. IX Seminário Internacional de História da Literatura. **Anais...**Porto Alegre: Editora PUCRS, 2011Disponível em: <<https://editora.pucrs.br/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/64.pdf>>
- SUZUKI JR., M. Reportariar, segundo Miss Ross. In: ROSS, L. (Ed.). **Filme: um retrato de Hollywood**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 9–15.
- TAUNAY, A. M. A. D'ESCAGNOLLE. **A retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- VOGLER, C. **A Jornada do Escritor: Estrutura Mítica para Escritores**. 1. ed. São Paulo: Editora Aleph, 2015.
- WEINHARDT, M. Considerações sobre o romance histórico. **Revista Letras**, v. 43, p. 49–59, 1994.